ROLE PLAY E DEBATE NO ENSINO MÉDIO

Thiago Godoy-1, Andréa Regina Buratti Leite-2, Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda-3, Rosana Louro Ferreira Silva-4

1-Universidade Federal do ABC - UFABC
2-E. E. Dr. Celso Gama
3-Universidade Federal do ABC - UFABC
4-1-Universidade Federal do ABC - UFABC

O PIBID UFABC iniciou-se em maio de 2010, na área da Biologia ele trabalha a forma e o conteúdo da mídia, impressa ou audiovisual, que trata de temas envolvendo questões biológicas e a interação dessa mídia com a escolar e científica. Ele é desenvolvido em duas escolas públicas do município de Santo André, na qual professoras de Ciências e Biologia atuam em parceria com a Universidade e os licenciandos por uma educação inovadora de qualidade. Segundo ZIA et al (2011), trata-se de um trabalho muito rico para ambas as partes, uma vez que proporciona trocas de conhecimentos constantes entre os atores da escola e da universidade.

O projeto possibilita a realização de pesquisa colaborativa, na qual a professora supervisora da escola, a professora coordenadora da universidade e o licenciando atuam juntos no planejamento das sequências de aulas (regências) em um processo colaborativo. Para Ibiapina (2008), uma pesquisa colaborativa trata-se de uma co-produção de saberes, de formação, de desenvolvimento profissional e de reflexão. Esta deve ser realizada interativamente por professores da escola e pesquisadores com o objetivo de transformar determinada realidade educativa. Deste modo, há o compartilhamento das ideias que contribuem para a construção de conhecimentos e práticas de maneira criativa.

Assim como a escola, o PIBID-Biologia visa pela alfabetização científica. Nas palavras de KRASILCHIK e MARANDINO (2004), trata-se em:

Preparar o cidadão para pensar sobre as questões que permitem várias respostas – muitas vezes conflitantes – demanda que ele seja alfabetizado em ciências. Considerando que, de um lado, há um crescimento marcadamente amplo da ciência e da tecnologia e, de outro, situações que agravam a miséria, a degradação ambiental e os conflitos étnicos, sociais e políticos, é preciso que os cidadãos estejam em condições de usar seus conhecimentos para fundamentar suas posições e ações. (p. 34)

Para que a alfabetização científica ocorra de fato, faz-se jus à contextualização. Segundo GIASSI e MORAES (2007), a educação contextualizadora é uma forma de desenvolver a capacidade de pensar e agir de forma crítica e consciente do aluno, diferente daquele processo em que o professor é apenas uma transmissor de conteúdos estanques, dogmáticos e sem referências.

Para esse objetivo o uso da mídia em sala de aula tem se mostrado indispensável. Afinal, é a partir dela que grande parte da população adquire informações importantes para compreensão dos acontecimentos globais, bem como perceber-se não apenas como um receptor passivo de conteúdos, mas sim de um ser que compreende, questiona e se posiciona criticamente a respeito das informações recebidas (Caldas, 2006).

Ainda, para ZIA et al (2011) as mídias quando utilizadas de forma adequada na educação, considerando a faixa etária dos alunos, contexto e conteúdos, podem favorecer o interesse dos mesmos pelo ensino. Uma boa abordagem com o uso das mídias estimula o aluno a procurar e desenvolver um conhecimento e uma linguagem científica, levando a uma aprendizagem significativa e contextualizada, fazendo mais sentido para o aprendiz.

Na concepção de SILVA (2010), a mídia representa importante papel na produção e na difusão de informações a respeito de diversos assuntos da atualidade, estando entre eles a questão ambiental, sendo, por muitas vezes, reportagem de capa, principalmente na atual preocupação global com o tema sustentabilidade.

Com uma temática socioambiental a regência buscou uma formação cidadã que oferecesse aos alunos a capacidade de obter através de um processo aberto, livre, de questionamento e discussão de valores, a formulação ou reformulação de suas próprias convicções em relação a interação dos seres humanos os outros humano, com o meio

ambiente e com "aqueles que virão depois de nós" (MANZOCHI, 2009).

Este trabalho tem o objetivo de relatar uma regência para alunos do primeiro ano do ensino médio de uma E.E. de Santo André, onde foram usada a técnica role play.

Seguindo a sugestão da professora supervisora o tema escolhido para a regência foi a RIO+20. Para as turmas do 1º ano A, B e C do Ensino Médio foi elaborado um planejamento para duas aulas de 100 minutos, que contemplava principalmente a relação de grupos sociais com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável.

Foi passado um questionário de conhecimentos prévios afim de saber o conhecimento dos alunos sobre termos básicos. Os mesmos questionários foram dados aos alunos para que eles pesquisassem os significados desses termos.

Iniciou-se então a aula expositiva-dialogada sobre meio ambiente, participação social do ser humano contemporâneo sobre ele, desenvolvimento econômico e sustentável, conferências mundiais e conflitos socioambientais. Foi utilizado como base diversos textos e reportagens de sites especializados em questões socioambientais como o http://www.oeco.com.br/ e o http://www.socioambiental.org/ falando sobre um conflito específico: a região da Juréia, seus vários modelos de preservação ao longo do tempo e os caiçaras que lá moram. Essa parte da aula foi baseada no trabalho de Manzochi (2009) que dita como conceituar genericamente um conflito socioambiental e posteriormente "mapeá-lo" através de um entendimento mais aprofundado, identificando o tipo de uso que se pretende para os bens ambientais em conflito, caracterizando os discursos e interesses de cada ator e descrevendo suas formas de atuação.

Nos minutos finais da primeira aula os alunos foram informados que deveriam formar quatro grupos e que esses grupos discutiriam o destino da Juréia e de seus moradores na próxima aula. Os grupos eram: Caiçaras, Turistas (cidadãos no geral), Ambientalistas (profissionais qualificados na área ambiental) e Legisladores. Foi informado, também, que eles deveriam trazer argumentos individuais para embasar suas afirmações e propostas.

A última aula foi planejada para organização da sala de forma que eles se sentassem como 4 grandes mesas, entrega dos argumentos individuais e o role play propriamente dito seguido de considerações finais do aluno bolsista do PIBID que planejou a regência. O role play foi formulado como uma grande cúpula onde o destino de uma área inteira e sua população seria decidido. O aluno do PIBID tomou o lugar de mediador do debate.

O uso do questionário de conhecimentos prévios teve como finalidade levantar quais foram os assuntos que os alunos já ouviram ou tinham algum conhecimento para que o enfoque da aula fosse mais direcionado a sanar as possíveis dúvidas existentes e não proporcionar discussões redundantes. Com a análise do questionário, verificou-se que poucos alunos do primeiro ano já haviam ouvido falar na Rio+20. Quanto às outras questões, verificaram-se nas respostas frases de senso comum ou mesmo respostas como "Não sei".

Houve uma participação ativa desde o início nas três salas. Houve conversas paralelas e alunos pouco interessados, mas era visível o interesse dos alunos sobre assuntos sociais e ambientais pouco abordados em Biologia. A aula expositiva ocorreu com uma participação dialogada de diversos alunos na tentativa deles mostrarem que sabiam sobre o assunto. Isso possibilitou a resolução de muitas dúvidas e um enriquecimento de idéias geral na discussão.

Já o role play foi menos participativo. Duas salas conseguiram efetuar um debate entre bom e razoável, levando em consideração que era a primeira vez que eles estavam realizando aquela proposta. Já uma delas não conseguiu realizar a proposta. Devido a falta de interesse e conhecimento dos alunos não foi possível nem começar o role play. Nessa sala as duas últimas aulas foram distintas, elas foram novamente de teor expositivo, mas mais focadas em possíveis argumentos que os alunos poderiam ter utilizado para construir o debate.

Foi escolhida a modalidade expositiva-dialogada pelo fato de que os alunos desconheciam muitos dos conceitos. Nesta modalidade não ocorre apenas o repasse da informação, mas sim uma troca e busca recíproca do saber, eliminando a passividade e simples memorização, levando os alunos a questionarem, interpretarem e discutirem o objeto de estudo, a partir do reconhecimento e confronto com a realidade.

Também escolheu-se a modalidade em grupo, pois as discussões representam um avanço na construção de um diálogo em sala de aula, uma vez que o conhecimento é construído socialmente. Além disso, o aluno aprende a argumentar e respeitar posições contrárias às suas, obtendo um conhecimento mais amplo. Ainda sobre o role play, tal modalidade é de extrema importância uma vez que os alunos são envolvidos numa situação problemática na qual devem tomar decisões e

prever consequências, formando juízos de valor e analisando implicações sociais do desenvolvimento de C&T.(TORRES e IRALA, 2007).

A utilização de ferramentas didáticas como o role-play, onde o aluno pode simular a realidade e contextualizar o conhecimento adquirido na sala de aula, é imprescindível quando se pretende formar um cidadão político ativo capaz de usar do conhecimento aprendido na educação básica para resolver questões cotidianas e, principalmente, capaz de identificar o que é ou não científico em uma reportagem televisiva, uma revista ou um jornal.

Observamos que grande parte dos alunos a que são apresentados a essas ferramentas didáticas se interessam mais pelo conteúdo, pesquisando participando mais das aulas referentes ao assunto. Observamos também que é de extrema importância dar base suficiente para que o aluno possa compreender o trabalho a ser realizado, sozinho ou com os colegas de classe, sem a interferência direta do professor. Salas onde essa base não é tão forte não conseguem desenvolver uma boa atividade, não por desinteresse ou indisciplina, mas simplesmente, por que não foi ensinado como.

A mídia tem papel fundamental na formação do ser. Temas que são noticiados principalmente na mídia televisiva estão no conhecimento da população reforçando a ideia da mídia como um meio de propagação do conhecimento científico.

Verifica-se que, através dos conhecimentos passados, os alunos desenvolvem um posicionamento crítico sobre as diversas questões da atualidade, não sendo apenas um ser passivo, mas sim um ser que exerce seu papel como cidadão ativo e gerador de novos conhecimentos. É preciso valorizar a criticidade e trabalhar para modificar o atual padrão de desinteresse percebidos nas escolas públicas de educação básica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, G. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. Educ. Soc., Campinas, vil.27, no.94, p.117-130, jan/abr, 2006.

GIASSI, M; MORAES, E. C. A contextualização no ensino de biologia: abordagens preliminares. 2007.

IBIAPINA, I. M. L. M. Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimento. Brasília: Liber Editora, 2008.

KRASILCHIK, M.; MARANDINO, M. Ensino de ciências e cidadania. São Paulo: Moderna, 2004.

MANZOCHI, L. H. Reflexões sobre o potencial educativo de alguns recursos didáticos do campo teórico-metodológico de "conflito socioambiental" na formação continuada de professores em educação ambiental. REU, Sorocaba, v. 35, n. 2, p. 185-208, 2009

SILVA, R. L. F. Leitura de imagens da mídia e Educação Ambiental: contribuições para a formação de professores. Educação em Revista. Belo Horizonte. vol.26, n.02, p.277-298, 2010.

TORRES, P. L e IRALA, E. A. Aprendizagem Colaborativa. In TORRES, Patrícia Lupion (Org.). Algumas vias para Entretecer o Pensar e o Agir. Curitiba: SENAR-PR, 2007.

ZIA, I.; MANSANI, R.; LIMA, R.; RUFINO, M.; MIRANDA, M.; SILVA, R. O uso da mídia na contextualização de temas biológicos – contribuições para licenciandos e alunos da educação básica. 2011.

Área: Educação; Ensino em Biologia; Educação Ambiental

Palavras-chave: Contextualização, Ensino, Conflitos Socioambientais, Role Play